

# **“CRUZADA BRASÍLICA”: o discurso bélico-religioso de clérigos durante o Brasil Holandês**

Leandro Vilar Oliveira\*

**RESUMO:** Alguns dos mais notáveis relatos que possuímos sobre a época do Brasil holandês, foram redigidos por clérigos portugueses que embora tenham relatado a história daquele tempo, suas obras foram marcadas por discursos panegíricos, políticos e religiosos. Para este artigo, escolheu-se trabalhar com os livros escritos por três freis, Paulo do Rosário, Manuel Calado e Rafael de Jesus, os quais apresentaram uma visão providencialista, católica, antirreformista, que sugeria que as Guerras Luso-holandesas (1630-1654) fossem resultados de desígnios divinos pelos quais Deus punia o povo português por seus pecados. O objetivo foi tentar entender a origem desses discursos os quais eram reflexos do conturbado século XVII, dos tempos do Barroco.

**PALAVRAS-CHAVE:** Brasil holandês, Religião, Guerra, Barroco.

## **“Brazilian Crusade”: the religious-war discourse of clerics during Dutch Brazil**

**ABSTRACT:** Some of the most remarkable accounts we have about the time of Dutch Brazil were written by Portuguese clergymen who, although they related the history of that time, were marked by panegyric, political and religious discourses. For this paper we chose to work with the books written by three friars, Paulo do Rosario, Manuel Calado and Rafael de Jesus, which presented a providentialist, catholic, anti-reformist view, which suggested that the Portuguese-Dutch Wars (1630-1654) were the result of divine designs for which God punished the Portuguese folk for their sins. The aim was to try to understand the origin of these discourses which were reflections of the troubled Seventeenth Century of Baroque times.

**KEYWORDS:** Dutch Brazil, Religion, War, Baroque.

## **"Cruzada brasileña": el discurso militar-religioso de los clérigos durante el Brasil holandés**

**RESUMÉN:** Algunos de los relatos más notables que tenemos sobre la época del Brasil holandés fueron escritos por clérigos portugueses que, aunque relataron la historia de esa época, estuvieron marcados por discursos panegíricos, políticos y religiosos. Para este artículo elegimos trabajar con los libros escritos por tres frailes, Paulo do Rosario, Manuel Calado y Rafael de Jesús, que presentaban una visión providencialista, católica y antirreformista, que sugería que las Guerras Luso-neerlandesas (1630-1654) fueron el resultado de diseños divinos por los cuales Dios castigó a los portugueses por sus pecados. El objetivo foi comprender el origen de estos discursos que eran reflejos del turbulento siglo XVII de la época Barroca.

**PALABRAS-CLAVES:** Brasil holandês, Religión, Guerra, Barroco.

\*Doutor em Ciências das Religiões na Universidade Federal da Paraíba. Atualmente é Membro pesquisador do Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos, Bolsista CAPES e Membro do Comitê Editorial do periódico Scandia: Journal of Medieval Norse Studies. Contato: Campus I, Loteamento Cidade Universitaria, CEP: 58051-900, João Pessoa-PB, Brasil. Email: leo\_vilar@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8905-9727>

Os fatores que levaram a República das Sete Províncias Unidas dos Países Baixos a invadir a colônia do Brasil, em 1624, e depois em 1630, iniciando dessa vez uma guerra que se estendeu por vinte e quatro anos, foram de ordem política e econômica. Primeiro, iniciando-se pelas desavenças entre algumas províncias batavas que se rebelaram contra a autoridade do rei Felipe II de Espanha, que ocasionou a Guerra dos Oitenta Anos (1568-1648). E enquanto essa longeva guerra desenvolvia-se, as províncias rebeldes formaram em poucas décadas uma próspera e forte república que passou a confrontar o domínio mercante do Atlântico e do Índico, o qual era disputado por nações como Espanha, Portugal, França e Inglaterra. Finalmente com as decisões do rei Felipe III de barrar o acesso dos holandeses ao lucrativo comércio açucareiro desenvolvido por Portugal<sup>1</sup>, o governo holandês decidiu que era hora de fazer uma outra guerra<sup>2</sup>.

Embora o Brasil colonial tenha sido invadido pela Companhia das Índias Ocidentais (*West-Indische Compagnie* – WIC), no intuito de se apossar dos seus engenhos, fazendas, portos e vilas que compunham a estrutura da produção açucareira, no entanto, alguns clérigos que escreveram a respeito da história desse período, relataram em seus livros que haveria outro motivo para essa guerra, e tratava-se de um fator de ordem religiosa. O próprio frei Manuel Calado do Salvador, figura importante do período holandês no Brasil, relatou que a guerra contra os holandeses teria um caráter religioso de provação. Quase como sendo uma “guerra santa”.

Diante dessa problemática do relato de Manuel Calado e de outros clérigos do século XVII, ao defenderem um motivo religioso por trás daqueles conflitos, decidimos escolher alguns desses autores e analisar seus discursos por trás dessas falas. Reuter explana que o discurso é um ato de comunicação que apresenta “direta ou indiretamente, explícita ou implicitamente – alvos, intenções, efeitos almejados”<sup>3</sup>. O discurso não é apenas transmitir uma informação, mas consiste em como fazer isso, além de se esperar determinadas reações da audiência, repercutindo em opiniões, escolhas ou atitudes. Nesse sentido, todo discurso geralmente procura destacar determinados pontos de sua explanação, que são dirigidos a um público-alvo, sempre demonstrando um interesse explícito ou implícito<sup>4</sup>.

Além dessas implicações quanto as características de um discurso, algo que ficamos atentos durante a redação da pesquisa, também consideramos nesta análise algumas observações sugeridas por Michel de Certeau, quanto a importância do “lugar social” do autor<sup>5</sup>. Apesar de que não foi nosso intuito apresentar uma biografia dos autores analisados,

devido à falta de espaço para isso, ainda assim, procuramos apontar alguns informes sobre seus ofícios e onde eles se encontravam durante aquelas guerras.

Sabendo dessas características do discurso, nos questionamos se teria sido apenas exagero desses religiosos, os quais no intuito de gerar um clamor entre os portugueses e seus aliados, utilizar o discurso religioso para uni-los? Ou haveria outros motivos e até um contexto histórico por trás dessas opiniões dadas por estes clérigos? Posto isso, recorreremos ao estudo historiográfico no qual unimos a percepção de guerra e religião, somando-a ao contexto geopolítico e cultural do século XVII, na Europa e no Brasil, para compreender tais posicionamentos.

Assim, o artigo dividiu-se da seguinte forma: num primeiro momento comentamos as obras de Paulo do Rosário, Manuel Calado e Rafael de Jesus, apresentando seus livros nos quais encontram-se a afirmação de que se tratava de um conflito também de caráter religioso. E após apresentar os discursos destes autores, os confrontamos com outras informações sobre a cultura barroca e o contexto histórico daquela guerra, na tentativa de identificar evidências que realmente sustentassem o que esses clérigos afirmavam.

### **Frei Paulo do Rosário e a invasão da Capitania da Paraíba**

O primeiro autor que citamos, segue a linha cronológica da publicação de sua obra, refere-se a Paulo do Rosário (?-1655), frei beneditino português, que foi abade em várias igrejas e mosteiros de Portugal e Brasil. No ano de 1631, ele encontrava-se pela segunda vez em visita a Capitania da Paraíba. Na época, ele retornava no cargo de Comissário Provincial de sua ordem. Durante o período que esteve naquela capitania, sua estadia coincidiu com a primeira expedição da WIC no intuito de conquistar a Paraíba<sup>6</sup>.

Acontecimento esse que Rosário foi testemunha e relatou suas impressões, as quais originou um opúsculo com o longo título de *Relaçam Breve, e Verdadeira da memoravel victoria, que ouue o Capitão môr da Capitania da Paraiua Antonio de Albuquerque, dos Rebeldes de Olanda, que são vinte nãos de guerra, & vinte & sete lanchas: pretenderão ocupar esta praça de sua Magestade, trazendo nelas pera o efeito dous mil homens de guerra escolhidos, a fora a gente do mar* (1632). Publicado em Lisboa, sob os auspícios da ordem beneditina, esse pequeno livro com menos de quarenta páginas, é singular por ser um dos poucos relatos que se possui da primeira expedição da WIC à Paraíba<sup>7</sup>, mas também pela forma que foi escrito, apresentando um misto de panegírico, sermão e crônica de guerra.

No caso, o próprio discurso panegírico que é dedicado a pessoa do capitão-mor Antonio de Albuquerque Maranhão, então governador da Paraíba na época, confunde-se com o discurso religioso da obra. Essa confusão deve-se a condição de que o início do livro traz um sermão pelo qual Rosário exalta algumas figuras bíblicas, como Abraão e Judas Macabeu, e a pessoa de (são) Bernardo de Claraval. Esses três homens são citados para representar as virtudes que Rosário dizia que um “nobre general cristão” deveria possuir<sup>8</sup>. Somente o fato de ele propor essas virtudes de devoção a fé e a Igreja, revela que sua percepção daquela batalha e talvez da guerra, teria uma conotação religiosa também.

Mas além desse sermão com teor panegírico, pois o frei aproveita para enaltecer o governador Maranhão, mostrando-o como modelo para um “comandante cristão”, Rosário também trata os holandeses chamando-os de rebeldes, traidores e inimigos da fé. A condição de serem chamados de rebeldes deve-se a insubordinação das sete províncias que originou a Guerra dos Oitenta Anos, como comentado anteriormente. Pela condição de que em 1631, o Brasil fazia parte do império espanhol, Rosário se considerava súdito do rei Filipe IV. E para ele, os holandeses por terem se rebelado contra a Espanha, eram rebeldes e traidores. No entanto, o fato de serem chamados dessa forma, não se limitava apenas a uma questão política, mas dizia também a uma condição religiosa, pois os holandeses eram protestantes, e para Rosário, isso era uma traição também. Fator esse, o qual respalda o motivo de ele chamá-los de “inimigos da fé”.

Além destas características apresentadas, Rosário também apresenta em seu livro algumas passagens as quais ele destaca a fé como elemento participante daquele conflito. Uma dessas passagens refere-se ao dia 8 de dezembro, quando os portugueses haviam perdido vários homens nos últimos dias, mas naquela data eles receberam reforços vindos de Portugal e obtiveram a vitória. O frei recorda que 8 de dezembro é o dia litúrgico de Nossa Senhora da Conceição, tendo relatado o seguinte:

Veio o dia feliz da Conceição da Virgem Rainha dos Anjos e se este foi alegre ao mundo quando foi concebida no ventre de Santa Ana sua mãe, não menos o foi ao nosso quartel pela notícia da caravela de socorro de pólvora e munições, haver escapado ao inimigo e deu entrada no rio Mamanguape que está cinco léguas do nosso quartel, porque se vestiram todos de esperanças mui certas de que a Virgem que a guardara era para nos dar vitória incrível<sup>9</sup>.

Nessa citação é visível o tom religioso e até providencialista que o frei apresenta. Sobre isso destacamos o comentário de Antônio Maravall, o qual salientou que no discurso religioso daquele período, o apelo ao divino era normal. Dessa forma, não era incomum

encontrar em relatos da época, os católicos rogando ajuda a Maria, aos santos ou a Jesus. Até os protestantes também realizam esse apelo religioso<sup>10</sup>. Essa forma de discurso como destacado por Maravall, volta a aparecer na obra de Rosário, como se pode ler na seguinte passagem:

Aqui se confirmaram de todos a esperanças da vitória por ordem da Mãe de Deus, porque que veio ao mundo a vencer a serpente infernal, a que a Virgem atropelou como o Espírito Santo o tinha dito, *ipsa conteret caput tuum*, não permitindo que no seu dia nos fizesse algum dano os sequazes da serpente; nos assegurou na vitória que deles havíamos de ter com seu favor e ajuda<sup>11</sup>.

Nessa outra citação observa-se que novamente ele credita a vitória do dia 8 de dezembro como tendo sido graças à intervenção divina de Nossa Senhora da Conceição. Além disso, nota-se que ele se refere aos holandeses como sendo “sequazes da serpente”, uma expressão claramente ofensiva para referir-se a eles como mentirosos e traidores. E o motivo de Rosário tratar de forma depreciativa os holandeses, será explicado mais adiante na análise do contexto daquela época. Assim, para encerrar essa sessão sobre o relato deste frei, passamos para uma última citação a sua obra.

Todas as coisas acima referidas, com que a poderosa mão de Deus enriqueceu e honrou aos perfeitos Generais, assim Santos, como Gentios. Repartiu liberalmente com o nosso capitão-mor Antônio de Albuquerque, em cujo sujeito se acharão a um tempo, zelo da honra de Deus e sua Mãe Santíssima, de que é mui devoto, virtude dignamente herdada de seu pai Jerônimo de Albuquerque com a qual sempre venceu inimigos de nossa Santa Fé, sem nunca ser vencido<sup>12</sup>.

Já próximo ao final do livro, o autor destaca uma das três virtudes mencionadas no começo da obra, assim como, diz que o governador Antonio de Albuquerque Maranhão somente foi capaz de vencer, graças as bençãos que ele recebeu de Deus e de Maria, pois ele era um homem muito devoto, herdando essa qualidade de seu pai, o qual realizou façanhas contra os “inimigos da fé”. Essa referência novamente reporta-se aos holandeses pela condição de serem protestantes. Assim, nota-se que Rosário em momento algum diz que a WIC estava invadindo à Paraíba atrás de controlar a produção açucareira, mas que eles estavam a fazer guerra por serem traidores do rei e de Deus.

### **Frei Manuel Calado e o Valeroso Lucideno**

O segundo autor alvo de nossa pesquisa, é mais conhecido dos historiadores que estudam o período do Brasil holandês. Trata-se de Manuel Calado do Salvador (1584-1654), frei português da Ordem de São Paulo, que durante o tempo das invasões holandesas, viveu

em Pernambuco, chegando a fazer amizade com o Conde Maurício de Nassau-Siegen. Relacionamento este controverso, pois o frei que também era senhor de terras, foi considerado ora traidor pelos seus conterrâneos, mas também considerado espião entre os holandeses<sup>13</sup>.

A partir da sua vivência sob a dominação holandesa, Calado redigiu *O Valeroso Lucideno e o Triunfo da Liberdade na Restauração de Pernambuco* (1648). Publicado também em Lisboa, consiste numa crônica que discorre sobre alguns dos principais acontecimentos das guerras luso-holandesas, mas apresentado um discurso barroco que mistura prosa e poesia, com elementos religiosos, classicistas e panegíricos, algo parecido com o que foi visto na relação de frei Paulo do Rosário. Embora o subtítulo estendido referir-se à “Restauração de Pernambuco”, que faz referência aos acontecimentos iniciados em 1645, numa ofensiva de contra-ataque para tentar expulsar o invasor holandês daquela capitania, a guerra somente terminou em 1654.

Vejamos algumas características de seu livro, antes de apresentar alguns trechos que revelam sua opinião de que se tratou também de uma causa divina. Por mais que seu relato consista numa fonte primária produzida ao longo da vivência do autor no contexto das guerras luso-holandesas, não significa que seja uma obra de plena confiança ou fácil leitura. Ainda no século XIX, historiadores como Francisco Adolfo de Varnhagen, Hermann Watjen, Pedro Souto Maior, dentre outros, criticaram de forma negativa a obra de Calado, considerando-a mais uma crônica de teor literário, por fazer uso de prosa e poesia, baseada nas memórias do seu autor, do que um relato histórico propriamente dito<sup>14</sup>.

Apesar dessas críticas, hoje sabe-se que existe historicidade naquele texto. Sobre isso, José Antonio Gonsalves de Mello<sup>15</sup>, destacou que o *Valeroso Lucideno* deva ser tomado não como um livro de história, mas como uma crônica pautada em acontecimentos históricos, mas redigida para fins políticos e religiosos. Mello destacava que a obra foi escrita entre 1645-1646, no período que a restauração pernambucana estava se formando, e o livro teria a função de destacar os feitos dos restauradores, ao rei D. João IV de Portugal e de seu filho, o infante D. Teodósio, príncipe do Brasil; no intuito de solicitar apoio para a restauração. O próprio livro inicia-se com uma dedicatória em versos ao príncipe infante e prossegue em dados momentos, destacando as façanhas do fidalgo João Fernandes Vieira (1610-1681), chamado por Calado, de “Lucideno”<sup>16</sup>.

No prólogo dirigido ao leitor é visível o tom religioso que o frei apresenta a sua obra, considerando-o que sua escrita foi um dever divino a Deus e sua Igreja, em relatar as façanhas e desafios que os católicos portugueses tiveram que vivenciar na defesa de sua terra tomada

pelo “invasor herege”. O uso desse discurso religioso vai se repetir várias vezes ao longo da narrativa.

Manoel Calado demonstra, em *O Valeroso Lucideno*, toda sua erudição acerca da ortodoxia cristã. O frade utilizava largamente, em sua obra, a alegoria como parte da hermenêutica cristã, no sentido de dar as significações mais variadas às situações, eventos e ações presentes nas escrituras bíblicas. Calado apontava esses “sinais” como sendo verdades morais dentro de sua prática interpretativa<sup>17</sup>.

No capítulo 1, o frei inicia fazendo um paralelo com a figura de Josué e as dificuldades enfrentadas por ele para retomar Canaã, depois cita Davi, Saul, Moisés, algumas passagens bíblicas, santos, autores greco-romanos e faz referências as divindades romanas, tudo isso para construir um sermão também<sup>18</sup>. Sua atitude neste começo, lembra o que Rosário fez em seu livro, onde ambos iniciam seus escritos com referências bíblicas, tentando assim legitimar que aquela guerra teria uma “conotação religiosa” também.

Já no capítulo 2 quando ele relata a chegada da frota holandesa da WIC, Calado destaca que os holandeses eram movidos por cobiça e ódio. E tomaram a vila de Olinda, causando pilhagem e destruição. Sobre isso ele destaca esse saque a Olinda e enfatiza os ataques às igrejas:

outros entravam pelas igrejas depois de lhe roubarem os ricos e custosos ornamentos, e fazerem em tiras muitos deles, quebravam em pedaços as imagens de Cristo, e da Virgem Maria e dos outros santos, e as pisavam com os pés com tanta coragem e desaforo como que se com isto lhe parecesse que extinguiriam a fé católica romana<sup>19</sup>.

Historicamente sabemos que algumas das igrejas de Olinda foram saqueadas e a vila foi incendiada posteriormente. Se Calado exagerou na sua descrição é algo que não temos como ter certeza, no entanto, isso foi destacado como parte de seu discurso para mostrar que aquela invasão não era apenas atrás de riquezas, mas também se manifestava por ódio contra a Igreja Católica. Algo salientado pelo próprio frei, páginas antes quando ele compara que a invasão holandesa à Olinda tenha sido fruto de punição divina como dito nesse trecho:

Quem se houvesse achado na vila de Olinda, cabeça da grande capitania de Pernambuco, e das demais da parte do Norte, antes que os Holandeses a ocupassem, e a tornasse a ver depois que nela entraram os Holandeses, e a renderam sem muito parafusar, em breve alcançaria, que havia sobre ela caído a *vara da divina justiça*; a *instância dos pecados* em que estava enlodada. (grifos nosso)<sup>20</sup>.

Por essa citação, observa-se que no entendimento de frei Calado, a facilidade que a frota da WIC teve de conquistar Olinda, seria resultado de um plano divino de Deus para punir os olindenses por seus pecados. Essa ideia de que Deus permitiria que desastres, guerras

e outros problemas ocorressem como forma de castigar a humanidade é encontrada na *Bíblia* em várias passagens do Antigo Testamento, algo que é usado para justificar determinados acontecimentos históricos ocorridos nas nações cristãs, como as invasões bárbaras ao Império Romano do Ocidente, a invasão dos muçulmanos a Terra Santa, a Peste Negra, etc. Nesse sentido, trata-se de uma percepção antiga do cristianismo, em atribuir a Deus, o fato que certos acontecimentos teriam um caráter punitivo<sup>21</sup>.

Além desse discurso de que a invasão holandesa teria um sentido de punição, Calado também defendia que os holandeses haviam vindo com o intuito de derrubar o catolicismo no Brasil. Em tom de indignação ele escreveu:

Que eram muitas e jamais vistas tiranias, roubos, crueldades, infâmias, desonras, traições, aleivosias, enganos, e tormentos, falsos testemunhos, e mortes, que os pérfidos holandeses executavam nos miseráveis moradores, e sobretudo tomando-lhes suas filhas, e casando-se com elas por força, e desonrando suas mulheres, e pretendendo extinguir em Pernambuco a Fé Católica Romana, e introduzir as falsas seitas de Calvino, e Lutero, e a perfídia do Judaísmo, o que era patente, pois o Recife estava cheio de judeus<sup>22</sup>.

Nessa citação nota-se claramente que Calado considerava o protestantismo difundido por Calvino e Lutero, como sendo seitas, e ainda criticava a presença de judeus no Recife, pois temia que eles poderiam tomar conta daquela povoação e se espalharem por Pernambuco. Nesse sentido, tanto os calvinistas, luteranos e judeus, aos olhos do frei, eram considerados como hereges e inimigos do catolicismo, que além de irem buscar riquezas, foram também com o intuito de tomar aquelas terras e converter o povo a força, para suas religiões.

Essa opinião bem negativa propagada por Calado é repetida por outros autores do período e até confirmada em certa parte pelos historiadores mais recentes. Por mais que Maurício de Nassau durante seu governo de oito anos, tenha adotado uma política de “boa vizinhança”, em permitir o culto católico, ainda assim, no restante do período da ocupação, não significou que os demais governadores e diretores das capitanias fizessem o mesmo, ou os seus subordinados obedecessem inteiramente as ordens de não agressão<sup>23</sup>. Por tal condição, percebe-se que a resistência portuguesa deveria lutar não apenas pelo rei, mas também por Deus, pois seu povo e sua Igreja estavam sendo ameaçados.

### **Frei Rafael de Jesus e o Castrioto Lusitano**

O próximo autor que fazemos menção, foi Rafael de Jesus (1614-1693), frei português da Ordem de São Bento, que se tornou cronista-mor em 1681, embora que diferente de Rosário e Calado, ele nunca esteve no Brasil<sup>24</sup>. Mas antes de receber esse importante cargo,



Rafael de Jesus publicou *O Castrioto Lusitano* (1679), obra na qual ele propôs narrar a história das guerras luso-holandesas, do seu início até o fim. O extenso livro escrito em forma de crônica, apresenta dedicatórias ao rei e atua também como outro panegírico a pessoa de João Fernandes Vieira, dessa vez cognado “Castrioto”. Entretanto a obra possui um grande problema como apontado principalmente nos estudos de Gonsalves de Mello<sup>25</sup>, trata-se de uma narrativa feita à “custa de plágio” como se referia o autor.

Mello destaca que quase metade do *Castrioto Lusitano* é uma transcrição literal da *História da Guerra de Pernambuco* de Diogo Lopes Santiago, que por sua vez, transcreveu vários capítulos do *Valeroso Lucideno* de Manuel Calado. Apesar desse problema gravíssimo, considerado por Mello, Kleber Clementino ressalva que naquela época não existia o conceito de plágio, além de ser comum tais transcrições diretas das obras de outros autores. Diante dessa condição, Clementino sublinha que o frei decidiu escrever seu livro no intuito de concluir o relato sobre as guerras luso-holandesas, mas seguindo o tom panegírico iniciado por Calado, o qual ele dizia ter sido um grande erudito e homem de fé<sup>26</sup>.

No prólogo percebe-se que Rafael de Jesus adota o modelo apresentado por Rosário e Calado, em tentar justificar a guerra a partir de uma perspectiva religiosa. Mas diferente dos outros dois clérigos os quais abordam melhor isso, o prólogo do *Castrioto Lusitano* é mais simples, apresentado sucintas citações em latim da *Bíblia* ou de sermões, fazendo breves menções a personagens históricos de Roma e alguns heróis gregos, usados como contraponto para compará-los a Vieira.

Na primeira parte do livro, o autor narra acontecimentos que antecedem a chegada dos holandeses, inclusive remonta até mesmo antes de Cabral chegar ao Brasil. Todavia, quando ele está abordando o final do século XVI, nesse momento ele comenta a respeito do início da União Ibérica (1580-1640), dizendo que os holandeses se tornaram inimigos de Espanha quando algumas províncias se rebelaram contra o rei Filipe II, alguns anos antes. Sobre isso, o frei escreveu: “Ardia neste tempo a guerra, nos Estados de Flandres, entre Holandeses e Espanhóis; aqueles, por defenderem a rebeldia; estes, por castigarem a rebelião, sendo a religião o pretexto e a causa”<sup>27</sup>.

Essa citação é interessante, pois nos mostra que para o frei, o que levou a rebelião dos holandeses a ocorrer, foi motivado por uma questão religiosa. Historicamente ele não estava errado, pois houve fatores religiosos como a condição do rei Filipe II ter adotado uma postura antirreformista, ameaçar banir as igrejas protestantes dos Países Baixos e até mesmo de enviar uma comissão especial da Inquisição Espanhola para lá<sup>28</sup>. Entretanto, para o frei essa

condição não se findou naquele momento que teve início a guerra entre Holanda e Espanha, mas mantinha-se viva.

Rafael de Jesus<sup>29</sup> ao comentar sobre a conquista de Olinda pelos holandeses, refere-se a estes como “hereges gananciosos e violentos” – algo que lembra a fala de Calado –, os quais sem nenhum pudor, saquearam e destruíram as imagens e ornamentos das igrejas. Esse ataque a Olinda foi também considerado pelo frei como uma punição divina.

Se os crimes e pecados dos homens provocam alguma vez os castigos do Céu, podemos supor que as calamidades que sobrevieram à capitania de Pernambuco, mas são devidas aos *conselhos da Providência* que as astúcias da política. Alimentadas dos deleites brotaram de sorte as demasias entre os moradores de Pernambuco, que sufocavam a razão, e desconheciam o pudor: não havia para cada qual mais lei que seu próprio gosto. [...]. Viu-se na desatenção com que todos viviam, que servindo de reclamo para a invasão, foi o lotai desvio para a defesa, sendo a mesma *mão do pecado* a que pegou do *açote para executar o castigo*, permitindo Deus que com a mesma diligência, com que se tratava da conservação, se executasse a ruína. (grifos nosso)<sup>30</sup>.

Assim como Calado disse que os olindenses estavam envoltos em pecados, Jesus manteve essa opinião. Se ele copiou isso de Calado, é algo que não sabemos exatamente, porém, não foram apenas os dois freis portugueses que usaram esse discurso religioso para se referir ao seu povo. O cronista francês Pierre Moreau, autor de *Histoire des Derniers Troubles du Brésil Entre les Hollandais et les Portugais* (1651), relatou que os portugueses do Brasil, não levavam uma vida corretamente religiosa. Ele que também visitou a colônia no tempo da guerra, relatou o seguinte:

Com efeito, a piedade jamais foi tão fria num país onde o ar tem tanto calor: estavam *em voga todos os vícios*, os templos de uma e de outra religião eram pouco ou nada frequentados, a pouca preocupação de enviar aí seus escravos e ensiná-los a rezar a Deus era causa de que *vivessem como animais*, sem outro cuidado que fazê-los trabalhar, tendo eles apenas o domingo para repousar. Os judeus preocupavam-se muito mais com a instrução dos seus em suas crenças, mas todos, indiferentemente, *levavam vida lasciva e escandalosa*; judeus, cristãos, portugueses, holandeses, ingleses, franceses, alemães, negros, brasileiros, tapuias, mulatos, mamelucos e crioulos coabitavam promiscuamente, *sem falar dos incestos e pecados contra a natureza*, pelos quais diversos portugueses convictos foram condenados à morte e executados (grifos nosso)<sup>31</sup>.

Sobre isso, em várias passagens do *Castrioto Lusitano*<sup>32</sup>, o frei Jesus relata que os generais e capitães faziam orações diárias pedindo as bençãos de Deus e de Nossa Senhora para vencer a próxima batalha. Mas além de se fazer esses pedidos, alguns dos discursos também apresentavam claramente um tom religioso que justificava aquele conflito como algo “santo”, pois era em defesa da Igreja e de Deus. Tal condição é bem visível quando se ler um dos discursos que João Fernandes Vieira fez aos seus homens, segundo escreveu o frei:

Com a falta dos socorros persuadem as ruínas; e não atentam que poderia ser esta todo o bem de nossa fortuna; e que sua tardança será *disposição da divina Providência*. *Quanto menos entrarmos na batalha, tanto mais honra ganharemos no conflito*: repartida pelos que assistem a porção dos que faltam, é força que tenha cada qual de nós maior parte na vitória; daria não pode duvidar quem *tem a Deus em seu favor*; e nós *sabemos que pelejamos com gente que faz favor de ofender a Deus*. Os pedaços das imagens sagradas, as pedras dos templos destruídos, os corpos dos católicos despedaçados, os agravos dos sacerdotes escarnecidos que são *senão armas, que o Céu nos dá para destruir esses hereges?* (grifos nosso)<sup>33</sup>.

O discurso se inicia com o frei comentando os males que aquela guerra havia causado a Pernambuco, e após apresentá-los, ele adentra a parte religiosa ao mencionar que os atos cometidos pelos holandeses em destruir imagens, igrejas, assassinar padres e a população católica, não era algo apenas que afetava os homens, mas era uma afronta a Deus e deveria ser usado como motivo para se guerrear em seu nome, no intuito de “destruir o inimigo herege”.

Se Vieira realmente disse isso ou não, ou tenha sido um “embelezamento” por parte de Calado e Jesus, para engrandecer a imagem desse chefe militar, ainda assim é notável que tais palavras proferidas lembrem bastante os discursos dos tempos das Cruzadas, como no caso do sermão de Clermont-Ferrand, proferido em 1095, pelo papa Urbano II, o qual deu início a Primeira Cruzada (1096-1099). Nesse sermão, o sumo pontífice descreveu os terrores e profanações que os “hereges” cometeram contra os cristãos na Terra Santa, além de falar da destruição de relíquias, de igrejas e outros atos que ofendiam a Deus. Em meio a isso, o papa exortou que todos os presentes deveriam pegar em armas e marchar para libertar Jerusalém do jugo islâmico, pois aquilo era dever do cristão defender seus irmãos de fé, sua Igreja e a vontade de Deus<sup>34</sup>.

### **Guerra e religião nos tempos do Barroco**

Embora a palavra barroco hoje em dia seja normalmente associada com um estilo de pintura surgido no final do século XVI e em voga no XVII, o barroco não consistiu apenas num estilo artístico, mas em uma cultura que perpassou pela estética, música, arquitetura, escultura, teatro, decoração, literatura, ideias e ideologias que marcaram uma época<sup>35</sup>. Por tal âmbito, nos referimos a palavra barroco em um sentido mais amplo, como tendo sido uma cultura que uniu ideias classicistas, católicas e contrarreformistas, marcada por um forte discurso religioso de interpretação do mundo<sup>36</sup>.

Embora o Barroco tenha se desenvolvendo principalmente nas nações católicas, ele ainda conseguiu adentrar alguns Estados protestantes, mesmo com influência menor. Nesse

sentido, encontram-se artistas, escritores e eruditos na Inglaterra, o Sacro Império e os Países Baixos, especialmente nas áreas da literatura, dramaturgia e da música. Nesse ponto, o barroco ao adentrar os territórios protestantes, manteve características estéticas, mas substituiu o discurso católico antirreforma, pelo discurso protestante anticatólico, além de servir a intuítos políticos, sobretudo, os relacionados para fortalecer e consolidar monarquias<sup>37</sup>.

Por essas observações pode-se delinear que algumas das características apresentadas nos três livros citados anteriormente, apresentem claramente elementos barrocos. Com isso, se faz necessário entender melhor essas características barrocas para compreender o porquê dos discursos religiosos apresentados por Rosário, Calado e Jesus.

Primeiramente é preciso destacar que esses três clérigos esboçaram em seus relatos que eles sentiram a necessidade de relatar aquelas guerras, pois era algo que fazia parte de suas obrigações como religiosos. Sobre isso, Palomo escreveu que os clérigos da Idade Moderna possuíam uma ideia que sendo eles homens letrados, detinham a função e o dever de relatar os acontecimentos, mas também de preservá-los, estudá-los e ensiná-los. Palomo nesse ponto, recorda da existência de universidades, colégios e bibliotecas sob a administração da Igreja Católica. Além disso, ele também destaca que os escritos dos religiosos não estavam isentos de interesses; em muitos casos apresentavam interesses políticos, ideológicos, econômicos e até pessoais<sup>38</sup>.

Esse comentário final, feito por Palomo é bem perceptível nos autores por nós citados. Em todas as três obras encontram-se o discurso panegírico, o qual em várias vezes seus autores recomendam que os homenageados deveriam receber honrarias e mercês pelos seus feitos prestados ao rei e a Deus. Já no *Valeroso Lucideno*, Manuel Calado faz uma dedicatória poética ao infante D. Teodósio, na tentativa de cativá-lo a dedicar atenção ao Brasil, além de destacar as proezas dos restauradores pernambucanos. Rafael de Jesus também faz algo similar, destacando os chefes militares e alguns padres que se empenharam em “preservar a cristandade” que estava sob ameaça.

Esse intuito de se preservar a Igreja, era algo típico da literatura barroca. Massaud Moisés comentou que a cultura barroca era predominantemente marcada por uma mentalidade cristã católica, algo visível nas belas-artes, mas no quesito literário, apresentou discursos de ordem apelativa para salvaguardar o catolicismo diante da ameaça dos reformados, condição essa que tais discursos na maior parte das vezes detratam os opositores, chamando-os de

hereges e considerando as igrejas reformadas como sendo seitas<sup>39</sup>. Sobre isso, Antônio Saraiva escreveu:

A produção literária mais abundante em Portugal neste período foi certamente a de propaganda e edificação religiosa: sermões, hagiografias, tratados moralistas etc. Prolonga-se a corrente que apontamos já no século XVI, porque permanecem as circunstâncias que lhe dão origem: importância numérica da população eclesiástica, controle dos meios de difusão da cultura pelas ordens religiosas, orientação neo-escolástica das universidades, rigidez hierárquica e ideológica ligada à repressão inquisitorial e a uma formalística devoção popular<sup>40</sup>.

Se Moisés referiu-se que uma das funções do barroco foi difundir a cultura católica, Saraiva<sup>41</sup> complementa isso, destacando que a literatura católica do século XVII, foi marcada por uma “propaganda edificadora da fé”, trazendo sermões, hagiografias, tratados moralistas, entre outros relatos, que exaltassem as virtudes cristãs, segundo a doutrina católica. Sendo assim, os panegíricos à mártires, santos e heróis de guerra, foram abundantes naquele período, pois serviam de exemplos de “bons cristãos” para se admirar e emular<sup>42</sup>. Mesmo que isso significasse romancear suas façanhas para exibir o poder destes “heróis da fé”.

Nas obras analisadas é nitidamente perceptível essas características sugeridas por Saraiva, pois vemos que Antonio de Albuquerque Maranhão e João Fernandes Vieira são apresentados como líderes virtuosos, honrados, corajosos, dignos, sábios e devotos, os quais mesmo não tendo conseguido vencer a guerra contra os holandeses, ainda assim, conseguiram proteger seu povo, sua terra e venceram algumas batalhas.

Por outro lado, esse poder da fé se manifesta em todas as vezes nas quais os freis disseram que por graças de Deus, Nossa Senhora ou algum santo, a vitória foi obtida, pois embora eles considerassem que aquela guerra fosse uma provação, a devoção dos soldados era sempre atendida e a ajuda vinha do Céu. Fato esse que Calado e Jesus referem-se em dados momentos que Vieira foi ferido várias vezes gravemente, mas milagrosamente foi salvo<sup>43</sup>.

Mas ainda a respeito dessa demonstração do poder da fé, é pertinente fazer menção a um santo bastante importante e invocado durante as guerras luso-holandesas. Sendo esse, Santo Antônio de Lisboa (1195-1231). No século XVII, Santo Antônio para além imagem de benfeitor, taumaturgo e casamenteiro, ele se tornou símbolo para o combate aos hereges, pois pregou contra os muçulmanos e confrontou os cátaros e albigenses. Essas características concederam uma nova roupagem ao santo no Brasil, tornando-o um “patrono dos militares”<sup>44</sup>.

Vainfas explica que provavelmente essa crença popular começou na Bahia do século XVI, quando o nome do santo passou a ser concedido a uma fortaleza na entrada da baía.

Posteriormente, Santo Antônio foi tornado patrono da fortificação e até feito capitão honorário. Tal prática manteve-se ainda no século XVIII, no entanto, durante o século XVII, existia pelo Brasil, vários fortes, engenhos e igrejas que recebiam o seu nome. Vainfas também comenta que o padre Antônio Vieira em um de seus sermões, dedicou a vitória de 1638, ocorrida em Salvador, cuja batalha foi contra os holandeses, como sendo resultado da intervenção de Santo Antônio<sup>45</sup>.

Evaldo Cabral de Mello destaca vários momentos do *Valeroso Lucideno*, do *Castrioto Lusitano*, da *História da Guerra de Pernambuco* e de outros livros, enfatizando relatos sobre a presença religiosa e a realização de milagres durante as guerras luso-holandesas. Ele comenta supostas aparições de Santo Antônio e de Nossa Senhora em distintas batalhas, as quais resultou na vitória portuguesa. O autor também relata supostos milagres que protegeram igrejas, padres, freiras e fiéis. Além disso, Mello recorda como escrito por Calado, que Santo Antônio por decisão de João Fernandes Vieira tornou-se o padroeiro da causa da restauração, daquela chamada “guerra da luz divina”<sup>46</sup>. Por tal nome dado a aquele movimento que visava expulsar os holandeses, nota-se claramente todo o imaginário religioso que imperava naquela época, sendo este, reflexo da cultura barroca como salienta Magalhães:

Segundo o pensamento da época, foi a Providência Divina que, em circunstâncias específicas, legitimou ou impediu as ações militares contra as armas heréticas. As tropas luso-brasilicas se moveram nas guerras de acordo com “os desígnios” de Deus. A interpretação de fenômenos miraculosos competia apenas aos padres, considerados pelos fiéis, como os mediadores entre Deus e os homens. Neste sentido, acreditava-se que as guerras contra os neerlandeses eram traçadas para além da dimensão física, num campo elaborado pela mística católica, no qual os Santos da Igreja, diversas invocações de Nossa Senhora, Jesus Cristo e Deus, “capitão general do universo”, tomaram parte no conflito, de acordo com o merecimento da graça divina em retribuição à oferta dos bens simbólicos<sup>47</sup>.

Mas haveria outros motivos que poderiam justificar esse discurso religioso para além de um reflexo da cultura barroca do período? Moisés<sup>48</sup> assinalou que uma das características da literatura barroca era o apelo contrarreformista, e os holandeses eram protestantes na sua maioria, apesar que os exércitos da WIC também contassem com soldados que eram católicos<sup>49</sup>. Mas para os portugueses e espanhóis, todo soldado a serviço daquela companhia era um “herege protestante”, que estava professando uma “falsa fé” e tinham intuítos de “destruir a Igreja” no Brasil.

Independente dessas acusações quanto o protestantismo dos Países Baixos, os três freis não estavam errados ao dizer que os holandeses possuíam intuítos de difundir sua religião no Brasil. O fundador da WIC, o mercador Willem Usselinx (1567-1641), era um calvinista devoto, e tinha em mente usar a companhia não apenas para fins comerciais, mas também

para intuitos evangelistas. Usselinck considerava que os Países Baixos eram uma “nação eleita” para evangelizar o mundo e combater o catolicismo<sup>50</sup>. O predicante Vicente Joaquim Soler (1590?-1665), um dos nomes mais importantes das missões calvinistas no Brasil, escreveu em algumas cartas, que sua missão naquela colônia era algo “divino”, pois ele considerava que as Companhias holandesas detinham a honrosa missão de evangelizar outras terras, levando o “verdadeiro cristianismo”<sup>51</sup>.

Nesse quesito, essa desavença entre católicos e protestantes não se devia apenas a Reforma Protestante iniciada quase um século antes, mas a desavenças que surgiram com a crise do feudalismo também.

É preciso destacar que essa transição, do medievo para a Idade Moderna, não ocorreu de maneira tranquila. No século XVI a ordem estabelecida pelo feudalismo entrou em plena decadência e o fim da unidade da Igreja Católica, a partir da reforma protestante, acabou por agravar ainda mais o quadro de extrema violência desse período. Diversas facções religiosas passaram a se digladiar, deixando a sociedade em uma anarquia generalizada de guerras civis, duelos e assassinatos<sup>52</sup>.

No período que ocorreram as Guerras luso-holandesas (1630-1654), a Europa vivenciava outros conflitos, sendo que alguns foram motivados por desavenças religiosas entre católicos e protestantes. No que resultou nas chamadas Guerras Religiosas, as quais se estenderam por pelo menos um século, acometendo vários países como Portugal, Espanha, Polônia, França, Alemanha, Inglaterra e Países Baixos, destacando-se conflitos como o Massacre da Noite de São Bartolomeu (1572) e a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648)<sup>53</sup>. Essas guerras fizeram parte das crises políticas, econômicas, territoriais, sociais, culturais e religiosas que acometeram a Europa entre os séculos XVI e XVIII<sup>54</sup>, algo que indubitavelmente marcou o Barroco, pois:

A cultura barroca acabou sendo uma resposta a esse período de crise e de transição, quando os antigos valores da nobreza europeia em choque com a ascendente burguesia. Contudo, em muitos aspectos, a monarquia clássica não rompeu com as doutrinas medievais no século XVII e a persistência da história providencialista, com sua tríade conceitual *pecado – castigo – redenção*, é um claro exemplo disso (grifos do autor)<sup>55</sup>.

A observação acima, sobre a condição de que a cultura barroca conservou traços medievais de uma visão de mundo pautada numa história providencialista, em que pensava a tríade pecado-castigo-redenção, é bastante interessante e até possui respaldo. Já que vimos nas citações apresentadas por Rosário, Calado e Jesus, a presença desses três elementos religiosos destacados. Além disso, esse pensamento providencialista ou da doutrina da predestinação, foi algo em voga não apenas entre os católicos, mas também esteve em pauta em debates e sínodos protestantes. Na Holanda, o enfrentamento entre arminianos (ou remonstrantes) e

calvinistas perdurou por anos. Onde os primeiros possuíam uma outra interpretação da intervenção de Deus na vida do ser humano, algo considerado como herético pelo Calvinismo<sup>56</sup>.

Inclusive esses elementos estavam presentes no discurso religioso das Cruzadas. Fato esse que o próprio frei Paulo do Rosário indiretamente reportava-se as Cruzadas quando decidiu escolher a pessoa de São Bernardo para compor os exemplos citados no seu sermão.

Bernardo de Claraval (1090-1153) foi doutor da Igreja, taumaturgo, escreveu sermões exaltando a cavalaria e a luta armada pela fé, fundou mosteiros, fundou a Ordem de Cister, defendeu o reconhecimento oficial da Ordem dos Templários, e foi incumbido pelo papa Honório III, de criar discursos que convocassem os nobres e seus exércitos para a Segunda Cruzada (1147-1149)<sup>57</sup>. A condição de ele ter participado do movimento convocatório para uma nova cruzada é interessante, pois foi um dos fatores escolhidos por Rosário para expressar a sua terceira virtude: “a de saber como falar e cumprir com o que prometeu”, pois Bernardo realmente fez propaganda para uma nova cruzada, a qual veio a ocorrer.

Além de São Bernardo, recordamos que o próprio Santo Antônio, o qual embora não tenha escrito nada diretamente a respeito das Cruzadas, ainda assim, ele era conhecido por seus discursos de se combater os hereges, inclusive ganhando o epíteto de “Martelo dos Hereges”, como assinalou Vainfas<sup>58</sup>. Com isso, temos a presença de São Bernardo na obra de Rosário evocando essa tradição da guerra santa – o legado medieval que Brito se refere –, e temos Calado e Jesus evocando a versão brasileira de Santo Antônio, como patrono dos “novos soldados de Deus”.

Dessa forma, possuímos dois santos que personificavam o ideal de se lutar contra os hereges, algo visto no tempo das Cruzadas. Soma-se a isso, a ideia providencialista da História, em que guerras poderiam ser motivadas por desígnios de Deus, como fator de punição aos pecadores, os quais deveriam travar aquelas batalhas como uma provação para buscar redimir-se por seus pecados e recuperar as graças de Deus.

### **Considerações finais:**

A breve análise apresentada sobre os livros de Paulo do Rosário, Manuel Calado e Rafael de Jesus nos forneceu evidências de um forte discurso religioso que estava impregnado em seus relatos. Esse discurso era, por sua vez, reflexo da cultura barroca do século XVII, marcada por uma tentativa de retomar antigos valores medievais de devoção, lealdade, honra, bravura, piedade e determinação, os quais foram somados a opinião negativa e até rude em



alguns pontos, quanto a Reforma Protestante e as igrejas que se originaram dessa. Condição essa vista na literatura barroca, a qual teve uma forte carga ideológica católica, ao mesmo tempo em que defendia concepções dos tempos medievais, tentando justificar o seu presente como um “novo tempo de aflições e provações”, como salientado por Moisés e Saraiva.

Essa cultura barroca também se desenvolveu num período de constantes crises de ordem política, econômica, social, religiosa, territorial e cultural, as quais abalavam a forma de como o mundo era visto pelos povos europeus, como destacou Maravall. Embora não foi comentado neste artigo, o século XVII foi um período de mudanças de crenças, pois tivemos além do Barroco, o desenvolvimento da Revolução Científica e o auge da Caça às Bruxas. Nota-se que num mesmo período, a Europa vivenciou o progresso do saber científico em meio a intolerância e fanatismo religioso. Enquanto Galileu e Newton estavam fazendo suas descobertas, bruxas eram queimadas vivas ou enforcadas. Inegavelmente, um cenário que gera uma reação de espanto devido a ambos os acontecimentos terem coexistido na mesma época.

É importante salientar esses acontecimentos antagônicos que marcaram o Seiscentos, ajudam a compreender melhor como as pessoas enxergavam a vida, a realidade e o mundo naquela época. Apesar do desenvolvimento científico que vinha ocorrendo, barbárie, ódio, violência e fanatismo andavam juntos, manifestando-se fosse na Caça às Bruxas ou através das Inquisições, ou das guerras que dividiam a Europa e suas colônias. Em meio a essa época de atribulações, não seria estranho que ideias religiosas como castigo divino, pecados da humanidade, tentação, provação, providencialismo e destino estivessem circulando na Europa.

Por essa condição, o artigo foi intitulado “cruzada brasileira”, pois percebemos que o discurso religioso usado por estes três freis apresentou algumas características presentes nos discursos das Cruzadas, como apontado por Brito e Oliveira, ao analisar particularidades das obras de Paulo do Rosário e Manuel Calado. Entretanto, não foram apenas estes autores que apresentaram esse discurso, pois Mello sublinhou que a visão providencialista de uma “guerra santa nos trópicos” também pode ser encontrada nos sermões e escritos do padre Antônio Vieira<sup>59</sup>, frei Antônio Rosado, padre Simão de Vasconcelos, Diogo Lopes Santiago, frei Antônio de Santa Maria Jaboatão<sup>60</sup>, entre outros autores católicos e alguns protestantes. O que revela ter sido um discurso comum na época.

Diante disso, tentar argumentar que a opinião desses homens foi fruto de fundamentalismo ou fanatismo, é complexo, pois embora haja evidências para se fazer isso,

não se pode descartar a condição que em seu tempo ocorriam guerras religiosas, havia um sentimento de ódio nutrido pelas desavenças políticas que geravam esses conflitos, assim como, a mentalidade cristã daquele tempo ainda não havia se libertado totalmente de costumes e ideias antigas, as quais foram adaptados para os novos tempos.

Por mais que a WIC tenha invadido o Brasil por interesses político-econômicos e não religiosos propriamente, apesar que um dos objetivos da companhia era o evangelismo<sup>61</sup>, essa guerra como outras que ocorriam naquele momento, foi interpretada por um pensamento religioso que se baseava nas concepções de punição, provação e redenção, as quais seriam postas pelo próprio Deus aos seus fiéis.

## Notas

<sup>1</sup> Durante seu reinado Felipe III autorizou embargos econômicos aos holandeses em 1598, 1603 e 1609. E como Portugal estava sob domínio espanhol devido a União Ibérica (1580-1640), a Holanda foi proibida de comercializar com os portugueses, mas isso não impediu que eles através do mercado ilegal conseguissem obter carregamentos de açúcar. EBERT, Christopher. Dutch trade with Brazil before the Dutch West India Company, 1587-1621. In: POSTMA, Johannes; ENTHOVEN, Victor (eds.). *Riches form Atlantic commerce: Dutch Transatlantic Trade and Shipping, 1585-1817*. Leiden/Boston: Brill, 2003. p. 49-76. (Collection The Atlantic World, vol. 1). p. 60-63.

<sup>2</sup> BRAUDEL, Fernand. *Civilização Material, Economia e Capitalismo: Séculos XV-XVIII*, vol. 3. Tradução Telma Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 161.

<sup>3</sup> REUTER, Yves. *A Análise da Narrativa: o texto, a ficção e a narração*. Tradução Mario Pontes. 2. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2007, p. 131.

<sup>4</sup> ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 10. ed. Campinas: Pontes Editores, 2012, p. 20-21.

<sup>5</sup> CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p. 66.

<sup>6</sup> OLIVEIRA, Leandro Vilar. A relação breve de frei Paulo do rosário: relatos sobre o primeiro ataque holandês à capitania da paraíba (1631). *Saeculum*, n. 38, jan/jun, p. 125-145, 2018, p. 125.

<sup>7</sup> A WIC realizou três expedições para conquistar a Capitania da Paraíba. A primeira ocorreu entre 5 e 12 de dezembro de 1631, a qual foi relatada por frei Paulo do Rosário. A segunda expedição ocorreu entre 25 e 27 de fevereiro de 1634, e no mesmo ano ocorreu a terceira, entre os dias 2 e 31 de dezembro, resultando na conquista dessa capitania.

<sup>8</sup> As virtudes que frei Paulo do Rosário se referiam, eram: zelo pela honra de Deus, maturidade ao falar e cumprir com o que prometeu.

<sup>9</sup> ROSÁRIO, Paulo do. Relaçam breve e verdadeira da memorável victoria, que ouve o Capitão-mor da Capitania da Paraíba Antonio de Albuquerque, dos Rebeldes de Olanda, que são vinte naus de guerra, e vinte e sete lanchas: pretenderão ocupar esta praça de sua Magestade, trazendo nelas pera o efeito dous mil homens de guerra escolhidos, a fora a gente do mar. Lisboa: impresso por Jorge Rodrigues, 1632, p. 9.

<sup>10</sup> MARAVALL, José Antônio. *A cultura do Barroco: Análise de uma Estrutura Histórica*. Tradução Silvana Garcia. São Paulo: Editora da USP, 2009, p. 126-127.

<sup>11</sup> ROSÁRIO, Paulo do. 1632, p. 12.

<sup>12</sup> ROSÁRIO, Paulo do. 1632, p. 32.

<sup>13</sup> VAINFAS, Ronaldo (org.). *Dicionário do Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 248-249.

<sup>14</sup> MELLO, José Antonio Gonsalves de. *Frei Manuel Calado do Salvador*. Recife: Universidade de Recife, 1954, p. 7-8.

<sup>15</sup> MELLO, Gonsalves de. 1954, p. 11-12.

<sup>16</sup> CALADO, Manuel. *O Valeroso Lucideno e Triunfo da Liberdade*. Lisboa: impresso por Paulo Craesbeeck, 1648, p. i-viii.

- <sup>17</sup> BRITO, Sylvia Brandão Ramalho de. A dialética do castigo: histórias de um frade no Brasil holandês. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012, p. 83.
- <sup>18</sup> CALADO, Manuel. 1648, p. 3.
- <sup>19</sup> CALADO, Manuel. 1648, p. 11.
- <sup>20</sup> CALADO, Manuel. 1648, p. 8.
- <sup>21</sup> BRITO, Sylvia. 2012, p. 82.
- <sup>22</sup> CALADO, Manuel. 1648, p. 170.
- <sup>23</sup> SANTOS, Thiago Cavalcante dos. Tensões religiosas no Brasil holandês. *Revista Cesumar*, v. 15, n. 2, jul./dez. p. 363-379, 2010, p. 370-372.
- <sup>24</sup> BRITO, Sylvia. 2012, p. 12.
- <sup>25</sup> MELLO, Gonsalves de. 1954, p. 22.
- <sup>26</sup> CLEMENTINO, Kléber. Clio no Ultramar: elementos da historiografia portuguesa nas narrativas seiscentistas da “guerra holandesa”. *Revista Clio*, n. 32, v. 1, 63-83, 2014, p. 67.
- <sup>27</sup> JESUS, Rafael de. *Catrioto Lusitano* ou história da guerra entre Brazil e a Hollanda, durante os anos de 1624 a 1654. 2. ed. Paris: publicado por J. P. Aillaud, 1844, p. 13.
- <sup>28</sup> SCHALKWIJK, Frans Leonard. *Igreja e Estado no Brasil holandês* (1630 a 1654). São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 31-34.
- <sup>29</sup> JESUS, Rafael de. 1844, p. 35,154.
- <sup>30</sup> JESUS, Rafael de. 1844, p. 48.
- <sup>31</sup> MOREAU, Pierre. BARO, Roulox. *História das últimas lutas no Brasil entre os holandeses e portugueses e Relação da viagem ao país dos tapuias* (1651). Tradução de Leda Boechat Rodrigues. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1979, p. 30.
- <sup>32</sup> JESUS, Rafael de. 1844, p. 180, 527.
- <sup>33</sup> JESUS, Rafael de. 1844, p. 265-266.
- <sup>34</sup> CHAVES, Thiago de Souza Ribeiro. *Urbano II em Clermont-Ferrand: a pregação da Primeira Cruzada*. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília, Brasília, 2015, p. 54-57.
- <sup>35</sup> MARAVALL, José Antônio. 2009, p. 132.
- <sup>36</sup> MOISÉS, Massaud. 2008, p. 111.
- <sup>37</sup> GOMES, Eunice Simões Lins de; FONSECA, Ramon Silva Silveira da. Fundamentos do barroco como amálgama da religião e da política. *Revista Horizonte*, v, 11, n. 31, p. 944-964, jul./set. 2013, p. 947-949.
- <sup>38</sup> PALOMO, Federico. Introducción: Clero y cultura escrita en el mundo ibérico de la Edad Moderna. In: PALOMO, Federico (org.). *Cuadernos de Historia Moderna – Anejo XIII – La memoria del mundo: clero, erudición y cultura escrita em el mundo ibérico (siglos XVI-XVIII)*, p. 11-26, 2014, p. 12-13.
- <sup>39</sup> MOISÉS, Massaud. 2008, p. 111.
- <sup>40</sup> SARAIVA, Antônio José. *História da literatura portuguesa*. 16. ed. Lisboa: Porto Editora, 1993, p. 527.
- <sup>41</sup> SARAIVA, Antônio José. 1993, p. 459, 527.
- <sup>42</sup> “É importante observar que a razão do louvor, para os autores de panegíricos, nunca deve ser o simples desejo de louvor, que poderia desqualificar o seu discurso como adulação baixa, mas sim a produção de exemplo virtuoso para a emulação das pessoas, de modo que a imitação dos melhores servisse ao propósito de superação excelente da condição particular e de reforço da concórdia e da saúde do organismo do Estado” (PÉCORA, 2002, p. 48).
- <sup>43</sup> MELLO, Evaldo Cabral de. *Rubro Veio: o imaginário da restauração pernambucana*. 3. ed. São Paulo: Alameda, 2008, p. 256-257.
- <sup>44</sup> VAINFAS, Ronaldo. Santo Antônio na América Portuguesa. Religiosidade e Política. *Revista USP*, n. 57, mar./maio, p. 28-37, 2003, p. 30-31.
- <sup>45</sup> VAINFAS, Ronaldo. 2003, p. 32-35.
- <sup>46</sup> MELLO, Evaldo Cabral de. 2008, p. 260-274.
- <sup>47</sup> MAGALHÃES, Pablo Antonio Iglesias. *Equus Rusus – A Igreja Católica e as Guerras Neerlandesas na Bahia* (1624-1654). Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, UFBA, Salvador, 2010, p. 232.
- <sup>48</sup> MOISÉS, Massaud. 2008, p. 111.
- <sup>49</sup> Os exércitos da WIC e da Holanda no geral eram formados principalmente por estrangeiros devido à falta de homens para servir, além de outros problemas envolvendo o serviço militar. No caso, muitos desses estrangeiros vinham da Alemanha, Inglaterra, Irlanda, Escócia, França, Suíça, Dinamarca, Polônia e Noruega, nações católicas e protestantes. MIRANDA, Bruno Romero Ferreira. *Gente de Guerra: origem, cotidiano e resistência dos soldados do exército da Companhia das Índias Ocidentais no Brasil* (1630-1654). Recife: Editora UFPE, 2014, p. 41, 84. Além disso, pelo menos 1/3 dos exércitos espanhóis em Flandres era composto por mercenários ingleses, irlandeses e alemães, que seriam de origem protestante. Apesar disso, eles seguiam lutando pelos

católicos, contra outros protestantes. PARKER, Geoffrey. O Soldado. In: VILLARI, Rosário (dir.). *O homem barroco*. Tradução de Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Editorial Presença, 1994, p. 40.

<sup>50</sup> BOXER, Charles. *Os holandeses no Brasil: 1624-1654*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961, p. 6.

<sup>51</sup> RIBAS, Maria Aparecida de Araújo Barreto de. Vicente Joaquim Soler, o pai da missão calvinista no Brasil holandês. *Educere et Educare*, v. 10, n. 19, p. 139-145, jan./jun. 2015, p. 140.

<sup>52</sup> LIMA, Danilo Pereira. O leviatã e as guerras religiosas no século XVII: uma análise do estado absolutista a partir de Thomas Hobbes. *Revista do Direito Público*, v. 19, n. 1, p. 9-30, jan./abr. 2015, p. 12.

<sup>53</sup> CORVISIER, André. *Armies and societies in Europe, 1494-1789*. Translation Abigail T. Siddall. Bloomington: Indiana University Press, 1979, p. 4-6.

<sup>54</sup> MARAVALL, José Antônio. 2009, p. 65.

<sup>55</sup> BRITO, Sylva. 2012, p. 80.

<sup>56</sup> OLIVEIRA, Leandro Vilar. *Guerras luso-holandesas na Capitania da Paraíba (1631-1634): um estudo documental e historiográfico*. Dissertação (Mestrado em História e Cultura Histórica). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016, p. 56-57.

<sup>57</sup> OLIVEIRA, Leandro Vilar. 2016, p. 92-93.

<sup>58</sup> VAINFAS, Ronaldo. 2003, p. 30.

<sup>59</sup> Magalhães em sua tese de doutorado analisa o discurso de Antônio Vieira em referência aos ataques holandeses à Bahia.

<sup>60</sup> Autor do *Novo Orbe Seráfico* (1761), republicado em 1858, apesar de ter sido escrito no século XVIII, ainda mantém resquícios do discurso religioso do Barroco.

<sup>61</sup> Joannes de Laet (1581-1649), um dos diretores da WIC e seu cronista, em seu livro *História ou Anais dos feitos da Companhia Privilegiada das Índias Ocidentais* (1644), assinalou que a Companhia foi fundada sob os auspícios de Deus para promover a “verdadeira religião”, o desenvolvimento da nação e combater os inimigos de Holanda. NOORLANDER, Danny L. *Serving God and Mammon: the Reformed Church and the Dutch West India Company in the Atlantic world, 1621-1674*. Dissertation (Doctorate in History). Graduate School of Arts and Sciences, Georgetown University, Washington D.C, 2011, p. 80.

## Referências

BOXER, Charles. **Os holandeses no Brasil: 1624-1654**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961.

BRAUDEL, Fernand. **Civilização Material, Economia e Capitalismo: Séculos XV-XVIII**, vol. 3. Tradução Telma Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1996. 3v.

BRITO, Sylvia Brandão Ramalho de. **A dialética do castigo: histórias de um frade no Brasil holandês**. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

CALADO, Manuel. **O Valeroso Lucideno e Triunfo da Liberdade**. Lisboa: impresso por Paulo Craesbeeck, 1648.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHAVES, Thiago de Souza Ribeiro. **Urbano II em Clermont-Ferrand: a pregação da Primeira Cruzada**. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

CLEMENTINO, Kléber. Clio no Ultramar: elementos da historiografia portuguesa nas narrativas seiscentistas da “guerra holandesa”. **Revista Clio**, n. 32, v. 1, 63-83, 2014.

CORVISIER, André. **Armies and societies in Europe, 1494-1789**. Translation Abigail T. Siddall. Bloomington: Indiana University Press, 1979.

EBERT, Christopher. Dutch trade with Brazil before the Dutch West India Company, 1587-1621. In: POSTMA, Johannes; ENTHOVEN, Victor (eds.). **Riches from Atlantic commerce: Dutch Transatlantic Trade and Shipping, 1585-1817**. Leiden/Boston: Brill, 2003. p. 49-76. (Collection The Atlantic World, vol. 1). 31v

ENTHOVEN, Victor. Early Dutch Expansion in the Atlantic Region, 1585–1621. In: POSTMA, Johannes; ENTHOVEN, Victor (eds.). **Riches from Atlantic commerce: Dutch Transatlantic Trade and Shipping, 1585-1817**. Leiden/Boston: Brill, 2003. p. 17-48. (Collection The Atlantic World, vol. 1). 31v

GOMES, Eunice Simões Lins de; FONSECA, Ramon Silva Silveira da. Fundamentos do barroco como amálgama da religião e da política. **Revista Horizonte**, v, 11, n. 31, p. 944-964, jul./set. 2013.

JESUS, Rafael de. **Castrioto Lusitano ou história da guerra entre Brazil e a Hollanda, durante os anos de 1624 a 1654**. 2. ed. Paris: publicado por J. P. Aillaud, 1844.

LIMA, Danilo Pereira. O leviatã e as guerras religiosas no século XVII: uma análise do estado absolutista a partir de Thomas Hobbes. **Revista do Direito Público**, v. 19, n. 1, p. 9-30, jan./abr, 2015.

MAGALHÃES, Pablo Antonio Iglesias. **Equus Rusus – A Igreja Católica e as Guerras Neerlandesas na Bahia (1624-1654)**. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

MARAVALL, José Antônio. **A cultura do Barroco: Análise de uma Estrutura Histórica**. Tradução Silvana Garcia. São Paulo: Editora da USP, 2009. (Clássicos, 10).

MELLO, Evaldo Cabral de. **Rubro Veio: o imaginário da restauração pernambucana**. 3. ed. São Paulo: Alameda, 2008.

MELLO, Evaldo Cabral de. **Um imenso Portugal: história e historiografia**. São Paulo: Ed. 34, 2002.

MELLO, José Antonio Gonsalves de. **Frei Manuel Calado do Salvador**. Recife: Universidade de Recife, 1954.

MIRANDA, Bruno Romero Ferreira. **Gente de Guerra: origem, cotidiano e resistência dos soldados do exército da Companhia das Índias Ocidentais no Brasil (1630-1654)**. Recife: Editora UFPE, 2014.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. 37. ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

MOREAU, Pierre; BARO, Roulox. **História das últimas lutas no Brasil entre os holandeses e portugueses e Relação da viagem ao país dos tapuias (1651)**. Tradução de

Leda Boechat Rodrigues. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1979.

NOORLANDER, Danny L. **Serving God and Mammon: the Reformed Church and the Dutch West India Company in the Atlantic world, 1621-1674.** Dissertation (Doctorate in History). Graduate School of Arts and Sciences, Georgetown University, Washington D.C, 2011.

OLIVEIRA, Leandro Vilar. **Guerras luso-holandesas na Capitania da Paraíba (1631-1634): um estudo documental e historiográfico.** Dissertação (Mestrado em História e Cultura Histórica). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

OLIVEIRA, Leandro Vilar. A relação breve de frei Paulo do Rosário: relatos sobre o primeiro ataque holandês à capitania da Paraíba (1631). **Saeculum**, n. 38, p. 125-145, jan/jun 2018.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** 10. ed. Campinas: Pontes Editores, 2012.

PALOMO, Federico. Introducción: Clero y cultura escrita en el mundo ibérico de la Edad Moderna. In: PALOMO, Federico (org.). **Cuadernos de Historia Moderna – Anejo XIII – La memoria del mundo: clero, erudición y cultura escrita em el mundo ibérico (siglos XVI-XVIII)**, p. 11-26, 2014.

PARKER, Geoffrey. O Soldado. In: VILLARI, Rosário (dir.). **O homem barroco.** Tradução de Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Editorial Presença, 1994.

PÉCORA, Alcir. A história como colheita rústica de excelências. In: SCHWARTZ, Stuart B; PÉCORA, Alcir (orgs.). **As excelências do governador: o panegírico fúnebre a D. Afonso Furtado, de Juan Lopes Sierra (Bahia, 1676).** Tradução Alcir Pécora e Cristina Antunes. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

REUTER, Yves. **A Análise da Narrativa: o texto, a ficção e a narração.** Tradução Mario Pontes. 2. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2007.

RIBAS, Maria Aparecida de Araújo Barreto de. Vicente Joaquim Soler, o pai da missão calvinista no Brasil holandês. **Educere et Educare**, v. 10, n. 19, p. 139-145, jan./jun. 2015.

ROSÁRIO, Paulo do. **Relaçam breve e verdadeira da memorável victoria, que ouve o Capitão-mor da Capitania da Paraíba Antonio de Albuquerque, dos Rebeldes de Olanda**, que são vinte naus de guerra, e vinte e sete lanchas: pretenderão occupar esta praça de sua Magestade, trazendo nelas pera o efeito dous mil homens de guerra escolhidos, a fora a gente do mar. Lisboa: impresso por Jorge Rodrigues, 1632.

SANTOS, Thiago Cavalcante dos. Tensões religiosas no Brasil holandês. **Revista Cesumar**, v. 15, n. 2, jul./dez. p. 363-379, 2010.

SARAIVA, Antônio José. **História da literatura portuguesa.** 16. ed. Lisboa: Porto Editora, 1993.

SCHALKWIJK, Frans Leonard. **Igreja e Estado no Brasil holandês** (1630 a 1654). São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

VAINFAS, Ronaldo (org.). **Dicionário do Brasil Colonial**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

VAINFAS, Ronaldo. Santo Antônio na América Portuguesa. Religiosidade e Política. **Revista USP**, n. 57, p. 28-37, mar./maio 2003.